

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA NA CAMINHADA DO MESTRADO

Luciara Bilhalva Corrêa^{*}
Luciana Conter de Oliveira^{**}
Maria do Carmo Galiazzi^{***}

RESUMO

Apresentam-se os resultados de uma pesquisa sobre a construção do projeto de dissertação de um Mestrado. A pesquisa foi realizada a partir de uma proposta da disciplina Análise Qualitativa de Informações Discursivas do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A pesquisa coletiva foi realizada como princípio educativo, de maneira que os alunos do Mestrado vivenciaram o processo de pesquisa qualitativa em várias de suas etapas: entrevista, transcrição, unitarização, categorização e produção de metatextos. Os resultados apontam para o processo de construção do objeto de pesquisa nas seguintes etapas: idéia inicial do objeto de pesquisa; mudança do objeto de pesquisa; construção do objeto de pesquisa durante período das disciplinas e objeto de pesquisa definido na defesa do projeto.

* Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (2005), doutoranda em Educação Ambiental pela FURG. luciarabc@terra.com.br

** Mestre em Educação Ambiental, professora da rede municipal e estadual de ensino do Rio Grande – RS. lucianaconter@terra.com.br.

*** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, atualmente é professora classe adjunto da Universidade Federal do Rio Grande e professora colaboradora da University of Minnesota no College of Education como supervisora de estágios na formação de professores. megaliazzi@yahoo.com.br

Palavras-Chave: Pesquisa qualitativa, metodologia, construção objeto de pesquisa.

ABSTRACT

Construction of research in a master's program

This paper presents the results of a research on the construction of a thesis project in a Master's Program. This research was carried out as a proposal of a discipline called Qualitative Analysis of Discursive Information in the Master's Program in Environmental Education at Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, Brazil. This collective research was carried out as an educational principle, so that the students in the Master's Program could experiment several steps of the qualitative research process: the interview, the transcription, the unitarization, the categorization, and the production of meta-texts. Results show the following phases in the process of constructing the object of research: the first idea of the object of research; the change of the object of research; the construction of the object of research during the discipline; and the object of research defined in the defense of the project.

Key words: Qualitative Research; Methodology; Construction of the Object of Research.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de pesquisa realizada na disciplina Análise Qualitativa de Informações Discursivas do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG. O objetivo da pesquisa foi compreender o processo de construção do projeto de dissertação. Foram realizadas 18 entrevistas com mestrandos do referido programa, que já haviam realizado a qualificação de seus projetos de pesquisa. Assim, os alunos matriculados na disciplina citada, no período do 2º semestre de 2003, realizariam com a pesquisa a oportunidade de experienciar a realização de uma entrevista e também realizar o exercício de categorização através das falas dos sujeitos. Também se procurou com

essa pesquisa, que através das experiências dos mestrandos até o momento da defesa de seus projetos, viessem a estimular e também auxiliar o processo de construção dos projetos de pesquisa e posterior defesa dos mesmos, pelos alunos matriculados nessas disciplinas. Diante disso, organizou-se uma pesquisa de campo, de forma que cada aluno matriculado na disciplina elegeu um mestrando para realizar sua pesquisa. Todo o conjunto de dados foi disponibilizado para consulta coletiva no grupo dos “Argonautas 2003”, um ambiente virtual. Durante o decorrer do semestre, também foram disponibilizados no ambiente virtual textos do autor Roque Moraes para a discussão no próprio ambiente e em sala de aula, auxiliando na construção das unitarizações. A partir delas, foram estabelecidas categorizações provisórias, que são: Delineamento do Projeto; Defesa; Dificuldades; Objeto de Pesquisa; Papel da Orientação; Pós-defesa; Processo do Mestrado; Sentimentos e Sugestões. Partindo, então, das categorias provisórias, iniciou-se a construção das categorias finais, de forma que os alunos reuniram-se em duplas, com a finalidade de elaborar um artigo que descreva uma das categorias do conjunto de dados.

No presente estudo, partiremos da categoria que trata da construção do objeto de pesquisa, ou seja, como se deu o processo de construção do tema e objeto de pesquisa para os entrevistados durante o Mestrado.

CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA

A partir da reunião das unidades de depoimentos dos 18 sujeitos entrevistados, procedemos à reunião de quatro subcategorias relacionadas ao objeto de pesquisa: *Idéia inicial do objeto de pesquisa*, *Mudança do objeto de pesquisa*, *Construção do objeto de pesquisa durante período das disciplinas* e *Objeto de pesquisa definido na defesa do projeto*. A partir de cada uma dessas subcategorias, elencamos as

falas pertinentes dos sujeitos. Após realizamos a produção de pequenos textos descritivos sintetizando a idéia de cada subcategoria. A seguir construímos o metatexto que, através de um argumento aglutinador e relacionado com o todo, chegamos a uma categoria final, que recebeu o nome: A CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA NA PESQUISA.

IDÉIA INICIAL DO OBJETO DE PESQUISA

O processo de construção da pesquisa é muito interessante. Quando os pesquisadores, nesse caso os mestrandos que ingressam em programas de pós-graduação, iniciam sua caminhada no campo investigativo, carregam do percurso de suas atividades, vontades e interesses por certos temas de pesquisa.

Analisando a fala que segue, se percebe que esse objeto pode partir da caminhada profissional, “... *Então, o meu foco é a questão da interdisciplinaridade e no memorial eu procurei colocar um pouco como é que essa disciplinaridade acompanhou meu trabalho nos últimos anos e tal...*”. TRIVIÑOS (2001) também considera que o “problema apresenta-se para o pesquisador dentro do campo de sua formação profissional, pois nesta encontra um forte apoio científico, cultural, que elimina muitos esforços...”

A própria área de formação acadêmica desperta o interesse por investigar o objeto de pesquisa, como podemos observar em algumas falas. É importante salientar que a escolha do objeto também partiu de experiências com envolvimento em projetos desenvolvidos antes do ingresso no Mestrado em Educação Ambiental, como segue: “...*Eu fui para o mestrado pensando em me aproximar da questão ambiental, eu tinha uma necessidade de entender esta temática sempre com a mente voltada para as questões de gênero, esta é uma área que eu atuo há bastante tempo...*”. Esse envolvimento em projetos possibilita uma série

de informações, de maneira que a pesquisa a priori possui uma riqueza de dados, como sugere a fala a seguir “... *Então, o delineamento começou a ser montado a partir dos dados coletados (obtidos através de cartas, textos, desenhos, relatórios), coletados antes mesmo de saber o que iria pesquisar...*”. Outra possibilidade de objeto de pesquisa é quando docentes do próprio Programa de Mestrado possuem interesse de investigação. O objeto de estudo também pode ocorrer de idéias partindo do orientador, como “... *Foi apresentada pela orientadora a proposta de trabalhar com projetos de aprendizagem...*”. Outro modo de construção do objeto de pesquisa acontece durante o desenvolvimento dos créditos no mestrado, como diz esta fala, “... *quando eu comecei a transitar por dentro da universidade e me aproximar do pessoal como aluna especial de algumas disciplinas, eu tive informações da filosofia ecofeminista, da bibliografia ecofeminista, da Vandana Shiva e logo comprei o livro, a primeira coisa que fiz comprei o livro, e dali sim, é isto o que eu quero, eu quero compreender, conhecer e transitar pela questão ecofeminista e é isto que eu estou fazendo...*”

Diante da análise feita das falas acima, percebe-se que muitas são as possibilidades para a construção do objeto investigativo. À vontade e o interesse de pesquisar algo vêm junto com nossas experiências cotidianas, experiências de trabalho, experiências por fazer parte de projetos, ou mesmo pode ser construído a partir do processo da pós-graduação, quer seja por orientação de professores e colegas como durante a realização das disciplinas. No entanto, argumenta-se em favor da construção do objeto de pesquisa a partir da experiência ou campo profissional dos mestrandos, na articulação com as linhas de pesquisa do Mestrado e dos orientadores.

MUDANÇA DO OBJETO DE PESQUISA

A definição do objeto de pesquisa é um processo de construção para quem vivencia a pesquisa. Quando os mestrandos chegam para iniciar seus trabalhos, vêm carregados de interesses e vontades de pesquisar algo. Diante do processo da pós-graduação, acontecem mudanças, como podemos perceber na fala seguinte, em que o mestrando se remete ao distanciamento do local a que pertence profissionalmente onde, a princípio, pretendia desenvolver seu trabalho de pesquisa “... *Ah! Bom! Daí pra frente eu fui desistindo dessa idéia, porque, como é essa história de investigar o grupo que tu faz parte, com os colegas e tal?...*”. Já nessa outra fala, o sujeito pesquisador também muda o objeto devido às relações de afetividade com o grupo que pretendia pesquisar, como “... *E eu disse o seguinte, eu tinha isso muito forte em mim, seria difícil fazer uma pesquisa com este grupo de mulheres, que eu tenho um envolvimento afetivo muito grande, eu tinha medo de misturar as coisas...*”

Evidencia-se que acontecem mudanças no que pesquisar, devido ao fato dos mestrandos não terem domínio do assunto, como é o caso dessas falas, “... *então a primeira coisa é uma espécie de resistência, como era meio ligada à área de informática e eu não dominava, não domino essa área de informática eu fiquei meio resistente em aceitar essa proposta...*”. Como o momento da escolha do objeto é uma tarefa difícil e de extrema importância para todo o restante da pesquisa, em certos casos surgem contribuições dos orientadores, de maneira a facilitar o trabalho dos mestrandos, como podemos observar a seguir, “... *e aí ele (o orientador) falou propôs, ele falou eu tenho uma alternativa que é um projeto que estou desenvolvendo agora, que é o projeto do SIBEA, projeto do MMA, lá de BSB...*”.

Também é percebido nas falas dos mestrandos momentos de angústias devido ao processo de indecisão e de mudanças referente ao objeto de pesquisa, como nessa fala, “... *mas depois eu descobri uma*

coisa que me angustiou muito, que começou a me deixar muito mal, eu fui ao máximo de stress por causa disso, o tempo que vai correndo, que vai andando, que vai se esgotando e trabalhando quarenta horas, quando eu ia fazer esta pesquisa? E mesmo que eu fizesse, que qualidade ia ter esta pesquisa...”

Analisando as falas anteriores, pode-se perceber a árdua tarefa por parte dos mestrandos na definição do que pesquisar, podendo até mesmo ao longo do processo ocorrer mudanças em relação a isso. Cabe aqui fazer referência a MARQUES, (2001 p. 94) “O assunto pode justificadamente mudar, o que não pode é deixar-se de ter um assunto em vista...” e continua ... “... O tema de pesquisa é o objeto dela, justamente o que já se procura...”. Cabe também destacar a relevância da experiência profissional dos mestrandos, ou seja, a grande bagagem de experiências que os mesmos trazem consigo, de forma que esse percurso encaminhe ao tema de pesquisa no processo do Mestrado. Defendemos aqui esse argumento baseados nas falas dos sujeitos.

CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA DURANTE PERÍODO DAS DISCIPLINAS

Determinar propriamente o objeto de pesquisa requer uma caminhada e um envolvimento do mestrando com o que ele está buscando. Seguir esse caminho para chegar finalmente ao ponto crucial do que se vai pesquisar demanda tempo, indecisões e questionamentos, os quais levam o pesquisador a utilizar vários artifícios que lhe permitam clarificar suas idéias na construção de seu objeto de pesquisa. O período em que esse se encontra cursando as disciplinas do Mestrado lhe é favorável para que possa fazer especulações com relação ao que pesquisar; contudo, nos depoimentos dos sujeitos que qualificaram seu projeto de pesquisa, fica claro que a proximidade com o local de

pesquisa e seu conhecimento em relação ao que trabalhar são os pontos fortes para determinar o objeto de trabalho. Os caminhos percorridos por esses mestrands na tentativa de clarificar seu objeto de pesquisa durante o período das disciplinas é o que vamos procurar exemplificar a seguir.

Nas falas obtidas com as entrevistas dos alunos que já qualificaram seu projeto de pesquisa, vemos que os mesmos partem com uma grande indecisão sobre o que trabalhar, sendo que no decorrer do curso, com a aquisição de novos conhecimentos, esse processo vai se intensificando e o objeto de pesquisa começa a ser delineado, como nos informa a fala de um mestrando: “... conforme eu fui cursando as disciplinas começou a abrir um leque tão grande de coisas...”. Porém, esse mesmo aluno refere-se que as várias informações também se tornam motivos de dúvidas e confusões, pois o mesmo ainda não possui conhecimento suficiente sobre o que pesquisar. Seguindo na análise das falas, fica evidente que vários mestrands procuram determinar seu objeto tendo por base seus conhecimentos teóricos ou atividades por eles já realizadas, o que lhes permite uma maior segurança em relação ao tema abordado, como nos representa a fala a seguir: “... o meu trabalho foi usar a biologia, que era o que eu sabia fazer, para auxiliar a vida dos alunos, mas de que forma?...”. Na mesma linha do conhecimento que já possuíam, alguns deles deixam claro que a proximidade com o local de pesquisa e com o grupo a ser pesquisado é outro fator muito importante para determinar o objeto, pois isso lhes permite uma maior confiança para abordar esse grupo, sendo que o mesmo já conhece o mestrando, conforme exemplifica a seguinte fala: “... é verdade, porque as duas turmas tinham passado por mim lá no maternal, quando eu trabalhava lá...”. Depois de tomada a decisão sobre o possível objeto de pesquisa e o local em que o mesmo será pesquisado, os alunos demonstram que é necessário um maior contato com esse local, para que os passos sejam clarificados, permitindo-lhes um delineamento mais

concreto em relação ao objeto. Percebe-se também a importância da aproximação com o objeto de pesquisa já no início do Mestrado, fazendo com que o pesquisador mantenha um forte elo com o objeto de pesquisa. Outras grandes dúvidas demonstradas pelos mestrandos com relação ao objeto de pesquisa são: a metodologia a ser utilizada, qual a mais adequada, como realizar a coleta dos dados, que número de pessoas abranger, quanto tempo observar, como relacionar a teoria com a prática, entre tantas outras indagações que permeiam a vida do mestrando durante o processo de construção do seu projeto de pesquisa, as quais exemplificamos com algumas falas a seguir: “... *tá, a metodologia foi, a metodologia primeiro tinha, a construção de um, espera um pouco, a localização e a caracterização da área onde eu ia trabalhar...*”; “... *vai ter a parte das entrevistas que eu estou coletando, a idéia dos moradores e depois vai ter a minha...*”. Essas falas nos remetem à análise do quão difícil é a construção do objeto de pesquisa para o mestrando, que suas dúvidas e conhecimentos devem ir superando obstáculos para fortalecerem-se até que o objeto de pesquisa e todo o processo que o envolve seja realmente definido. O período em que as disciplinas são cursadas favorece a aquisição de conhecimentos e esclarecimentos de dúvidas, os quais vão permitindo a construção do objeto de pesquisa por parte do mestrando. No entanto a pesquisa segue e algumas dificuldades metodológicas passam a ser vividas pelos mestrandos, por isso, o segundo argumento que a pesquisa permite desenvolver é a necessidade de grupos de discussão em que tais aprendizagens possam ser favorecidas e as dificuldades minimizadas.

OBJETO DE PESQUISA DEFINIDO NA DEFESA DO PROJETO

A construção do projeto de pesquisa, bem como a definição do objeto a ser pesquisado, não termina quando o projeto está escrito, mas

permanece até mesmo após a qualificação do mesmo; o momento de defesa do projeto é de significativa importância para o mestrando, quando as informações e críticas recebidas são importantes para que a estruturação do projeto se efetive. Após esse momento, inicia um processo de intenso questionamento e análise sobre o que realmente se quer pesquisar, é como se o mestrando estivesse em um espiral dando voltas para encontrar a saída, ou seja, o processo tende a recomeçar partindo das análises do que lhe foi proposto pela banca, bem como das próprias indagações que passam a surgir diante do pesquisador sobre aquilo que talvez ele não tenha percebido anteriormente. Os questionamentos tornam-se cada vez mais presentes, a dúvida constante sobre a proposta, bem como encaminhá-la acompanham o pesquisador, como exemplifica a seguinte fala: “... e lá eu tive que defender a proposta e isso foi bom porque aí eu tive que clarear uma série de coisas, ah, vou investigar, mas como?...”. Segue a esses questionamentos a preocupação constante pela definição exata do local de pesquisa e da metodologia a ser utilizada, pois os mesmos são componentes importantíssimos para a estruturação da pesquisa, pontos que ficam claramente evidenciados nas falas de alguns sujeitos. Definida a metodologia e o local da pesquisa, inicia-se o processo de coleta de dados e análise dos mesmos, os quais vão delineando o projeto e dando forma, constituindo assim, um importante passo para a dissertação, como nos mostra a fala: “... bom, a minha coleta de dados se baseou em entrevistas semi-estruturadas, que foram também gravadas e transcritas...”; “... bom a análise dos dados que é a etapa que eu estou agora, depois de ter feito essas transcrições eu comecei uma análise...”.

A preocupação seguinte, após os passos referenciados, diz respeito à questão teórica. Definir o aporte teórico para o objeto de pesquisa é fator imprescindível para o mestrando, suas descobertas enquanto pesquisador precisam ser sustentadas por validade científica e isso requer

uma boa fundamentação teórica que valide o seu objeto; essa preocupação é notória na fala do entrevistado, transcrita a seguir: “...em relação à fundamentação teórica, como eu estou trabalhando com processo de trabalho e saúde da família, minha fundamentação teórica é na teoria do trabalho...”. Diante da fundamentação teórica, continua a escrita dos capítulos, dar forma ao projeto para que o mesmo seja compreendido e utilizado na dissertação é um item importante, pois se o mesmo estiver bem elaborado, poderá ter seus capítulos constituindo a dissertação, em que o mestrando já estará dando forma ao seu trabalho final, exemplo disso fica exposto na seguinte fala: “... eu fiz meus capítulos com base naquilo que eu tinha certeza que eu ia trabalhar...”. Consideramos que a escrita não começa só nesse ponto. Ao contrário, a escrita deve iniciar bem no início pois, ao se escrever, se constitui o pensamento, ou seja, fazer o aluno começar a escrever logo, três páginas, cinco páginas, dez páginas do projeto e depois ir transformando isso em dissertação e por aí vai...

A construção do objeto de pesquisa percorre vários caminhos, o mestrando precisa ir construindo o seu projeto mediante tentativas e análises, acertando e errando, parando e recomeçando; sempre em busca do que ele quer saber e como fazer para que isso seja possível. Nessa trajetória surgem os primeiros passos, os quais vão se aperfeiçoando a cada passo dado, mas a qualificação do projeto e a ajuda da banca são fatores determinantes para a superação dessa caminhada, tal momento faz com que o pesquisador reflita, analise, questione o que já foi feito, para que assim seja possível começar ou até mesmo recomeçar, mas com maior certeza na busca pela clarificação de seu objeto de pesquisa. Por isso é que tem que começar cedo. É interessante que nenhum sujeito relatou que faz uma pesquisa bibliográfica intensa sobre sua temática de pesquisa nos momentos iniciais do Mestrado. Outro argumento que defendemos diz respeito à necessidade das temáticas serem aprofundadas

no início do Mestrado, com pesquisa bibliográfica sobre o tema. Isso também poderia estar a encargo de algum trabalho no início da caminhada no curso. Talvez na primeira disciplina de metodologia, em vez de serem trabalhadas as tipologias de pesquisa que parecem bem menos interessantes e decisivas, pelos dados até agora coletados.

A CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA NA PESQUISA

O referido trabalho nos leva a reconhecer o quão difícil torna-se para o aluno do curso de pós-graduação inserir-se no contexto da pesquisa, refletindo assim, as falhas de nosso sistema educativo, no qual não aprendemos a criar, mas sim a reproduzir. Quando é chegado o momento de pensar em uma dissertação, ou primeiramente, no projeto de pesquisa, somos levados a buscar as linhas metodológicas do conhecimento científico, as quais exigem do aluno uma busca constante de informações para desvendar aquilo que quer descobrir. É preciso criar, algo que não costumamos seguir em nossa trajetória acadêmica, ou seja, construirmos nossa própria trajetória através de um processo emancipatório, como nos cita Demo (2001), que faz parte do conceito de criatividade, “saber se virar”, inventar saídas, sobretudo “aprender a aprender”. E isto é profundamente pesquisa.

Uma coisa é aprender pela imitação, outra pela pesquisa. Pesquisar não é somente produzir conhecimento, é sobretudo aprender em sentido criativo. É possível aprender escutando aulas, tomando nota, mas aprende-se de verdade quando se parte para a elaboração própria, motivando o surgimento do pesquisador, que aprende construindo (FRANCHI, 1988 apud DEMO, 2001).

A grande maioria dos alunos que inicia o curso de pós-graduação não tem confiança no como pesquisar, segundo foi explicitado nas falas

que produziram as subcategorias deste trabalho e, principalmente, em seguir os caminhos ditados pela pesquisa científica, pois esta requer uma elaboração própria do aluno, na qual ele muitas vezes sente-se inseguro, requerendo o auxílio de seu orientador.

A elaboração própria torna-se, então, atividade estratégica, em primeiro lugar porque reflete a capacidade reconstrutiva, de onde surge o impulso para a autonomia. O que não se elabora, fica ainda fora, adere por imitação, ou seja, não entra. Neste sentido, elaboração própria é a base da aprendizagem ativa, através da qual o aluno tenta, sob orientação do professor, fazer-se autor, ter idéias próprias, argumentar com autonomia, entrar em polêmicas com capacidade de argumentar, propor projetos próprios (DEMO, 2000).

Para iniciar o processo de pesquisa, é necessário que o pesquisador tenha clareza do seu objeto ou do tema; o que, conforme vimos nas falas anteriores, passa por longos caminhos até ficar claramente definido; mas isso tudo é reflexo de nossa dificuldade em nos tornarmos pesquisadores, pois procuramos relacionar a algo que já trabalhamos ou sabemos fazer, uma pesquisa é isso, ou seja, é processo de construção sempre; em relação ao objeto de pesquisa não poderia ser diferente.

Destacamos novamente em Demo (2000) a delimitação do objeto ou tema com clareza exemplar; precisa mostrar que o candidato sabe com desenvoltura inequívoca o que pretende fazer. O referido trabalho nos aponta para tais inseguranças na relação do pesquisador para com o objeto ou tema de pesquisa, o que Demo chama de “dar conta de um tema”.

Dar conta de um tema significa, pois, retomar o contexto do trabalho científico, geralmente apresentado como caminho de comprovação de

hipóteses. Primeiro concebe-se o que se quer mostrar, aonde se quer chegar, no sentido de uma suspeita explicativa, de uma rota pressentida, de um possível achado acadêmico. Em seguida, parte-se para “verificar”, “comprovar” tal suspeita, a que damos o nome de hipótese. Tanto é possível chegar a resultado positivo, como negativo (“verificar” ou “não-verificar”), significando cada um igual interesse para a ciência (DEMO, 2001).

Demo nos ensina que para dar conta de um tema é preciso seguir alguns passos que são relevantes, os quais são notoriamente observados nas falas dos entrevistados no desenvolvimento deste trabalho, o que tentaremos exemplificar com algumas falas, contextualizando-as com os passos que o mesmo autor referencia:

Envolvimento e atuação: “... *Aqui aconteceu uma coisa interessante viu, porque eu na época eu tinha um trânsito, com as mulheres pescadoras artesanais, era um momento de efervescência das políticas, da construção das políticas públicas da pesca artesanal de Rio Grande e eu me envolvi bastante nisto, e percebi ali um condicionamento, uma pressão muito grande das mulheres e aí pensei em trabalhar e atuar neste campo...*” A presente fala nos aponta para o primeiro passo descrito por Demo (2001), o qual diz que é mister ter um tema, ou seja, um problema interessante a ser estudado, fenômeno pertinente que se deseja analisar, fato novo que se pretende compreender.

Construção do objeto a partir de dados coletados: “... *Então, o delineamento começou a ser montado a partir dos dados coletados (obtidos através de cartas, textos, desenhos, relatórios), antes mesmo de saber o que iria pesquisar, então comecei a trabalhar os dados já existentes e ver o que eles ofereciam..*” A presente fala nos remete ao segundo passo descrito por Demo (2001), o qual nos fala que projeta-se um caminho, com etapas, para a realização do estudo, o que denota sentido de sistematização e disciplina. O relato ao contrário, os dados

foram coletados durante a experiência pedagógica sem sistematização para a pesquisa, etc....

Decisão sobre o que investigar: “... *E aí na hora de decidir foi um pouco assim: o que eu vou investigar? Quem sabe a questão da interdisciplinaridade no trabalho que foi feito no Lilia com o lixo e no trabalho feito com a água nas outras duas escolas? Tentar ver que diferenças aconteceram em relação a um trabalho e outro...*” Nessa fala está representado o terceiro passo descrito por Demo (2001), o qual referencia que o momento inicial é geralmente marcado pela dúvida, pois somente pesquisa quem não sabe tudo e convive criticamente com os limites do conhecimento.

Momento de reflexão: “... *É, agora, como pesquisadora eu vou fazer a reflexão sobre a ação, que é onde vai entrar, na verdade, toda a parte da pesquisa. Agora, como pesquisadora que eu vou ver tudo que eu trabalhei. E refletir sobre isso...*” O quarto passo descrito por Demo encontra-se muito bem representado na fala acima, onde é descrito pela pergunta do que já se sabe do tema, para buscar alguma pista; chegando-se a uma pista preliminar, segue-se em frente, para averiguar se tem futuro; pode-se descobrir que é viável alcançar, como também que o rumo está equivocado.

Generalizações a partir do grupo estudado: “... *Mas o meu foco, o que eu vou escrever das observações vai ficar em torno da 2ª série e do jardim B, generalizando, porque na pesquisa a gente acaba fazendo isso, a gente pega uma experiência e a pessoa que lê é que acaba fazendo uma generalização, traz pra sua vivência, pro seu ambiente de trabalho, porque não tem como fazer a observação em todas as turmas, fica uma coisa muito densa. Quem sabe no Doutorado...*”. A citação descrita acima é representativa do quinto passo, onde Demo (2001) nos diz que se chega a uma primeira visão geral do tema, delimitadora do “tamanho” do esforço que temos de investir e diante do qual medimos o

“tamanho” de nossas pernas; diante de circunstâncias limitantes, como tempo disponível, recursos, instrumentos empíricos, é possível assumir o tema em maior ou menor profundidade.

Fundamentação teórica e o objeto de pesquisa: “... *Bom, em relação à fundamentação teórica, como eu tô trabalhando com processo de trabalho e saúde da família, minha fundamentação teórica é na teoria do trabalho, na teoria do processo de trabalho, e também em relação às teorias de educação ambiental, né, mais especificamente a educação não formal informal, tu trabalhar educação ambiental fora das escolas, a educação não escolarizada, mais em relação à educação popular...*”.

Uma preocupação constante descrita pelos entrevistados é em relação à fundamentação teórica, ou seja, o suporte para que o projeto seja validado cientificamente, e esse constitui o sexto passo que Demo (2001) descreve para se dar conta de um tema. Ele diz o seguinte: importante será sempre “o que ler”, com vistas a formular o “quadro de referência”, no qual vamos apresentar nossa proposta explicativa da realidade; o tipo de ponto de vista e de partida, a preferência teórica, sempre em termos de elaboração própria.

Metodologia de trabalho: “... *Como vou trabalhar a questão do Biorregionalismo, irei fazer a descrição de cada um dos lugares, visto pela CA, como são os lugares, na verdade teoricamente falando, como é a visão dos alunos em relação aos lugares e a partir daí, fazer toda a interpretação...*”. Preocupação em definir a metodologia: “... *A metodologia utilizada né, o que eu me preocupei mais, é que a minha pesquisa é qualitativa exploratória, porque é uma pesquisa em campo de atuação. Ela é um estudo de caso, porque eu vou observar um processo de trabalho dessas equipes de uma forma mais aprofundada...*”. As duas falas anteriores nos remetem para o sétimo passo que Demo (2001) descreve: a importante questão metodológica, que coloca o desafio do como proceder nas linhas, desenha os passos da

análise (bibliografia básica, dados a serem utilizados ou produzidos, modo de interpretação, preferência de posicionamento científico, fases da empreitada) e nas entrelinhas, aparece a tonalidade ideológica própria do autor, que é ator.

Escrevendo os capítulos: “... depois, a gente fez um capítulo sobre a educação de jovens e adulto; depois, sobre o ensino de biologia; e sobre a E.A na escolas...”. Chegando ao penúltimo passo descrito por Demo (2001), temos o que surge no momento de construir por escrito, com seus ritos formais (introdução, corpo, conclusão; citações; estruturação lógica da argumentação; disposição dos dados, com possíveis anexos), mas sobretudo com conteúdo adequado, demonstrado na capacidade de realização da hipótese, tão bem argumentada, que já nisto seja criativa.

O último passo que Demo (2001) descreve para se dar conta de um tema refere-se ao momento final da dissertação, etapa em que muitos de nossos entrevistados ainda não haviam passado no momento da realização das entrevistas, ou seja, o pensador fala do quão complexa é essa questão pois, segundo ele, “dar conta de um tema” não pode induzir à ingenuidade de que se tenha achado a última palavra, nem que se tenha inventado originalidade insuperável; quer dizer que o tratamento do tema é bem fundamentado, cercado de todos os lados viáveis, elaborado com engenho e arte, garantindo que aí ocorreu algum avanço científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir disso, o estudo nos possibilitou apontar argumentos referentes ao processo de construção do objeto de pesquisa, que apresentamos em forma de síntese: a) a construção do objeto de pesquisa a partir da experiência ou campo profissional dos mestrandos, na articulação com as linhas de pesquisa do Mestrado e dos orientadores; b) a relevância da experiência profissional dos mestrandos, ou seja, a trajetória

pessoal e profissional, de forma que esse percurso encaminhe ao tema de pesquisa no processo do Mestrado; d) o período em que as disciplinas são cursadas favorece a aquisição de conhecimentos e esclarecimentos de dúvidas, os quais vão permitindo a construção do objeto de pesquisa por parte do mestrando e e) que as temáticas sejam aprofundadas no início do Mestrado, com pesquisa bibliográfica sobre o tema.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Saber Pensar**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

_____. **Pesquisa – Princípio Científico e Educativo**. São Paulo: Cortez: Biblioteca da educação, 2001.

_____. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

MARQUES, M.O. **Escrever é preciso – o princípio da pesquisa**. 4ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. p.163.

MINAYO, M.C.S. e Org(s). **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p.71.

MORAES, R. **Explosão de Idéias: a unitarização de informações como encaminhamento de uma leitura aprofundada e compreensiva na análise textual discursiva**. 2002 (no prelo).

_____. **Movimentando-se entre as faces de Jano: comunicar e aprender na produção escrita que acompanha análises de pesquisas qualitativas**. 2002 (no prelo).

_____. **Mergulhos discursivos: análise Textual Qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. 2002 (no prelo).

_____. **Construindo quebra-cabeças ou criando mosaicos? Aprendizagem e comunicação no processo de categorização**. 2002 (no prelo).

TRIVIÑOS, A.N.S. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 2ª ed. Porto Alegre: Cadernos Ritter dos Reis, 2001. p.151.

